
O PERRENGUE

Quem nunca passou por um perrengue? Tudo parece sob controle, mas inesperadamente algo dá errado e até sua vida está em risco. Dedicaremos este espaço às histórias e erros que poderão servir de aprendizado para o futuro.

✍️ | 📷 Clemente Gauer



📍 Sal rugoso e fraco, Land Rover atolado até o chassi!

Na inocência dos meus 25 anos em 2006, viajei com meu cuidadosamente equipado Land Rover Defender 90 Tdi para os Andes em busca de imagens fascinantes com um grande amigo fotógrafo, o Dimitri Lee e seu filho Lucca. A cidade de Uyuni e seu enorme salar na Bolívia foram o destino escolhido.

Em 2006 ainda não existiam mapas para GPS e a navegação era feita basicamente por guias locais a bordo de antigos Toyotas Landcruiser, ou na base da tentativa e erro. Nossos ânimos estavam em alta, havíamos atravessado toda aquela vastidão dos Andes de maneira solitária e sem muita orientação, finalmente chegamos a Uyuni. Mais do que nunca, estávamos muito confiantes e corajosos.

Coloquem um pouco de negligência, somem a falta de informação e finalmente acrescentem bastante excesso de confiança. Dada esta perigosa premissa, começamos a rodar sobre o salar, um lugar 100% plano onde a velocidade média de todos ali é a máxima possível. Não há no que colidir ou do que desviar.

Para o espanto de todos, o sal se quebra e em questão de segundos o jipe está atolado até os eixos e chassi sobre uma fina casca de sal.



▲ Salar de Uyuni com formas geométricas regulares, sal firme.

AFUNDOU

Depois de fotografar a vastidão do sal seco, resolvemos sair em direção ao sudoeste para fotografar uma linda formação de montanhas. Colocada uma velocidade de cruzeiro de 120 km/h, rodamos aproximadamente 20 km até chegarmos ao enquadramento perfeito para uma nova fotografia. Começo então a reduzir a velocidade e neste momento escuto um barulho de água. Para o espanto de todos, o sal se quebra e em questão de segundos o jipe está atolado até os eixos e chassi sobre uma fina casca de sal. Com as rodas agora imersas num lodo infinito, o Land Rover parecia estar engatado em neutro. Não existia absolutamente nenhuma aderência ou tração entre as quatro rodas e o lodo daquele salar.

Tentamos tudo, esvaziamos quase que totalmente os pneus, empurramos, cavamos e ao verificar a profundidade do lodo com uma pequena pá, logo percebi o tamanho do problema. Quase perdi a pá, que logo foi afundando. Pelo rádio tentei chamar por ajuda, mas todos que me ouviram se calaram. Então



▲ Buraco deixado no sal após percorrermos os primeiros 5 metros depois de desatolar.

liguei o celular, que como uma bizarra miragem ali funcionava. Pela internet localizei o telefone do hotel em que havíamos nos hospedado em Uyuni, hotel por sua vez que guardara nossas bagagens, incluindo os suprimentos de água, comida, roupas de frio e até mesmo nossos óculos escuros! Solicitamos então o resgate de uma agência local. Novamente em vão. Após horas de espera não avistamos nenhum socorro.

trocar o caminhão por outro movido a diesel, que teria a autonomia, freios e confiabilidade necessária para nos levar até o jipe.

Foi então que comecei a entender um pouco sobre como as coisas ali aconteciam. Roberto possuía uma única bateria para seus três caminhões e por falta de dinheiro nunca pôde colocar anticongelante nos radiadores. Removemos a bateria e água do Volvo e colocamos no Dodge 1960, que foi utilizado para o resgate.

VAMOS ANDAR

Com 20 km nos separando de qualquer borda e civilização, pegamos algumas barras de cereais, o único litro de água, e guiados pelo GPS começamos a andar contra o vento frio que ali costuma soprar, além de forte insolação. Após 5 horas tudo que encontramos foi um humilde homem extrator de sal ao lado de sua “lavoura”, consertando seu antigo caminhão International de 1948. Após relatar o acontecido, ele se sensibilizou e se propôs a nos tirar do sal.

Entramos no caminhão do Roberto, este completamente enferrujado, cujo tanque de gasolina se resumia a um galão de 10 litros dentro da cabine entre as minhas pernas. Fomos em direção a sua casa para

PRIMEIRO RESGATE

Caçamba do caminhão carregada com dormentes metálicos de trilhos de trem, galhos, tábuas, pá, cobertores, lenha, além de alguns familiares do Roberto. Waypoint do GPS apontado para a coordenada de nome “Land”, partimos para o resgate. A pacatos 30 km/h e com apenas 30 minutos de sol restante começamos a busca pelo Land Rover.

Eis que após 18 km rodados ele aparece no horizonte como uma ponta de alfinete sobre uma imensidão branca. Como o salar estava mole ou “blando”, como dizem por lá, Roberto e eu seguimos caminhando até o carro. Quando

finalmente chegamos, nada mais podia ser feito; o vento cortava, o sol já iluminava a outra face desta bola e a temperatura estava subzero. Começamos a voltar para o caminhão, mas com o cair da noite não era mais possível se localizar visualmente. Neste exato momento o GPS se apaga por falta de baterias; na verdade, as pilhas alcalinas perderam a força pelo frio.

Frio, vento, escuridão e roupa inadequada. Minhas pernas lentamente foram parando de funcionar. Para minha felicidade avistamos uma fogueira recém-acesa pela mulher do Roberto, e assim pudemos nos localizar. Foi o que nos salvou, pois estávamos andando na direção errada!

Uma força maior parecia fazer com que tudo nos levasse a passar a noite no salar, local onde a temperatura cai para algo perto de -20°C no inverno. De tanto tremer de frio o Dimitri e eu sem querer soltamos a mangueira de diesel do galão que estava entre nossas pernas. Não poderia ser diferente, o motor do caminhão parou. Mangueira de volta ao galão, saco plástico de vedação novamente amarrado, algumas violentas marteladas no velho motor do Dodge e tudo volta a funcionar. Ao pedir para o Roberto fechar a sua janela, afinal fazia muito frio, observei-o limpar uma pequena área externa do para-brisa de seu caminhão para só então fechar o vidro; percebo agora que ele usava a pequena área envidraçada para manter uma constelação em “proa”. Incrível, assim como fazem os marinheiros!

Assim retornamos à beira do salar, onde acabaríamos passando uma noite de frio polar num hotel de sal semiabandonado. Às 9 horas do dia seguinte ficou combinado com o Roberto que daríamos continuidade ao resgate do Land Rover enquanto o Dimitri e o Lucca iriam pegar uma carona para Uyuni, servindo assim de base para eventualmente coordenarem um resgate do resgate.

SEGUNDO RESGATE

Acordei ansioso às 8 horas temendo que o Roberto e seu velho caminhão não apareceriam. Duas longas horas se passaram até que finalmente vejo ele e seu desalinhado Dodge. Alívio!

A bordo do caminhão e em direção ao sudoeste pelo GPS, que passava novamente a apontar “Land”. Desta vez pela temperatura mais elevada, tivemos que parar o caminhão 3 km do jipe, pois o sal ficara mais frágil durante o dia. Carregando oito dormentes de trilho de trem em um carrinho de mão, seguimos em direção ao atoleiro. Desta vez, porém, o carrinho de mão também começara a afundar. Restou então carregar os dormentes no ombro, um a um em duas viagens. Acabamos caminhando pouco mais de 12 km, destes 6 km foram com cerca de 30 Kg de carga nas costas.

Exaustos, finalmente chegamos ao carro, este agora afundado até a soleira das portas. Fechaduras congeladas! Mau sinal, ali deveria ter feito um frio dos bons durante a noite! Acabo entrando pela porta traseira e destravo as portas por dentro. Após prolongadas tentativas, consigo ligar o motor do Land Rover, este finalmente entra em funcionamento como uma locomotiva do século XIX, tamanha a quantidade de fumaça branca. Contento e apreciando a “música” do motor diesel que indiretamente anunciava minha saída do atoleiro, percebo no horizonte uma picape vindo em minha direção. Saltei do carro e, acenando com os braços, fiz de tudo para que o carro não se aproximasse, tentando evitar assim

Frio, vento, escuridão e roupa inadequada. Minhas pernas lentamente foram parando de funcionar. Para minha felicidade avistamos uma fogueira recém-acesa pela mulher do Roberto, e assim pudemos nos localizar.



A bravíssima equipe de resgate e os dormentes metálicos utilizados.

um vizinho de atoleiro. Logo percebo que a picape ficara atolada, 2 km ao Sul. Deixei o motor aquecendo e parti em direção à picape para propor um trato: eles nos ajudam e depois o Roberto os ajuda, acelerando assim todo o processo. Era sabido que assim que meu carro ganhasse tração, não poderia mais parar até sair da zona de sal movediço. Infelizmente não teria como participar do resgate da picape.

MORREU O MOTOR

Para minha infelicidade, ao retornar para o Defender, percebo que o motor dele agora estava praticamente morrendo... Tuc, tuc, tuc... Tratando-se de um motor diesel isso é uma má notícia. O diesel com o anticongelante havia congelado! Com uma tocha improvisada, comecei a aquecer todo o sistema de alimentação de combustível. Não deu certo. Agora ele funcionava apenas por 10 segundos. Este era o momento de maior calor, meio-dia, e isso era ruim. Comecei a suspeitar de um provável entupimento. Munido com uma chave comecei a abrir todas as conexões dos dutos de combustível. O culpado era o filtro, estava totalmente entupido pela parafina congelada do diesel. Instalei o filtro de reserva, que por sorte meu pai havia acrescentado junto às minhas ferramentas. Voilá!

Agora com força para sair do lodaçal, começamos a calçar as rodas com os dormentes, levantando uma roda por vez com um macaco “malacate”. Finalmente conseguimos mover o jipe 50 cm para trás. Mas ainda não poderia colocar os pneus diretamente sobre o sal sob o risco de afundarmos novamente. Começa então uma faraônica e digna cena do Fitzcarraldo, dormente após

dormente, metro após metro durante 1 km, fomos levando o jipe para fora da “zona de risco”, esta aferida por picaretadas no sal. Como eu havia abaixado a pressão dos pneus para 15 libras, tentando assim me desvencilhar do sal, ainda temia que os pneus poderiam soltar das rodas. Querendo ou não, fui embora, não me atrevendo a parar até deixar propriamente o Salar!

SÃO E SALVOS

Ao terminar este salgado episódio, acabo por ser recebido com uma salva de palmas pelo pessoal que estava no nosso hotel. Completamente esgotado, tomei um merecido banho quase frio e com pouca água e fui comer uma pizza preparada. Não combina com o lugar, mas foi uma deliciosa pizza!

Espero que esta história sirva de exemplo para nós e para todos que queiram fazer algo semelhante. Estude o máximo que puder sobre a região que você deseja conhecer, sobre o equipamento que deseja usar e viaje sempre com bons amigos. Momentos de dificuldade podem surgir. Estar com pessoas legais poderá ser a única maneira de superar um desafio.

Eu acreditava que tudo que conhecia sobre viagens de carro em lugares distantes e desconhecidos seria o bastante. Agora tenho certeza de que não existe limite nas diversões que a vida nos entrega. Aproveite o máximo que puder, mas com moderação! 

BOA LEITURA!

Conhecimento e informação ainda são a melhor bagagem que o explorador pode levar na sua mala. Aproveite a leitura, antes, durante e depois da viagem!

 Milena Issler |  Divulgação |  Miriam Furuno / © iStock.com/majivecka

THE ULTIMATE HIKER'S GEAR GUIDE

Um mochileiro de primeira viagem, um guerreiro de fim de semana ou um trekker experiente, você vai adorar este livro. Descrito pela National Geographic como “um dos mais viajados e rápidos hikers do mundo”, Andrew Skurka reúne todo o seu conhecimento em um guia para trekking e camping incluindo produtos de: vestuário, calçados, sleeping bags, barracas, mapas, alimentos, cozinha, água e mochilas.

A primeira parte orienta o leitor a entender que tipo de atividade você pratica: você é um hiker ou um camper? Aprendemos que respondendo a três perguntas básicas, você já é capaz de saber o que precisa levar: 1. Quais são meus objetivos? 2. Que ambiente e condições vou encontrar? 3. Quais equipamentos e habilidades vão me ajudar a atingir esses objetivos e me manter seguro e confortável nessas condições?

Extremamente detalhado, usa imagens e tabelas para comparar dezenas de produtos, por exemplo, Casacos: poliéster, lã ou náilon – Blusas: lã ou fleece – Capa de chuva: water-resistant ou waterproof?

Também apresenta exemplos de kits do que levar para determinados locais como montanhas, desertos, inverno, entre outros dentro dos Estados Unidos. Além de dar detalhes do local, tem uma tabela com itens, peso e comentários sobre cada um.

Com design atraente, muitas cores, imagens e ilustrações, é um livro bem agradável de ler. Não deixará dúvidas do que levar na sua próxima viagem e principalmente vai te ensinar a escolher os produtos que realmente são necessários e úteis.



Autor: Andrew Skurka
Idioma: Inglês
Origem: EUA
Editores: National Geographic Society
Ano: 2012
Encadernação: Brochura
Nº de Páginas: 224
Disponível em: Android, Desktop-OSX, Desktop-Windows, eReader, iPad, iPhone.
Amazon: US\$ 11,57
Livraria Cultura: e-Book R\$ 31,99

CHALLENGING YOUR DREAMS UMA AVENTURA PELO MUNDO

Em janeiro de 2002, partimos de São Paulo para dar a volta ao mundo de carro. Levando uma vida simples, com orçamento apertado, fomos em busca de aventuras e descobertas. Três anos e meio depois, chegamos de volta ao Brasil. Está incrível jornada nos levou da América do Sul até a congelada tundra do Alasca, passando por séculos de história na Europa até o coração da África e pelas loucuras da Índia ao solitário sertão da Austrália. O que começou como a viagem dos sonhos logo se tornou um estilo de vida único.



Depois da volta ao mundo, Grace e Robert logo começaram a sonhar com a próxima aventura. Com tanto para ser descoberto aqui no Brasil, foi apenas uma questão de tempo até voltarem à estrada. Durante doze meses incríveis, mais uma vez viajando e vivendo em seu Land Rover, eles exploraram cada canto deste imenso país. Fora da rota comum e indo além, estavam determinados a descobrir o verdadeiro Brasil. Muito mais do que uma maravilhosa jornada, esta história despertará em você a vontade de sair e descobrir tudo por si mesmo.

CHALLENGING YOUR DREAMS BRASIL POR TERRA

